

## Capítulo 5

# Do jornal *Bandarra* à revista *Panorama* (1935-1941): a estratégia dos projectos editoriais do Secretariado da Propaganda Nacional no plano mediático

## Introdução

Desde a sua criação, em 1933, que a tarefa do Secretariado da Propaganda Nacional (doravante SPN), enquanto suporte indispensável à imagem da ditadura, não se encontrou facilitada no plano mediático. Um dos obstáculos enfrentados pelo seu director, António Ferro, foi a necessidade de combater a influência de periódicos críticos daquele organismo, caso do semanário *Fradique*, ou de títulos marcadamente oposicionistas ainda tolerados por Salazar, apesar do controlo exercido pela censura. Este estudo tem por objectivo discutir a estratégia de lançamento de periódicos, como o semanário *Bandarra* (1934-1936), que, financiados pelo SPN sob uma aparente independência editorial, procuraram não só responder àqueles obstáculos como fixar conceitos necessários à obtenção de consenso em torno do regime. Apesar do forte pendó doutrínario de tendência pró-fascista, que no SPN então predominava, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial passou a prevalecer uma tónica mais moderada, devido à opção do regime pela neutralidade, contexto em que se dá o lançamento da revista *Panorama* (1941-1974). A pesquisa baseou-se na análise de periódicos, documentação de arquivo e bibliografia vária.

Em episódio que contou nas suas crónicas semanais *Corvos*,<sup>1</sup> sem ainda precisar quando, tema que já tinha sido abordado no semanário *Fradique*,<sup>2</sup> disse um dia José Leitão de Barros (1896-1967) a António Ferro (1895-1956): «Você faz a propaganda da propaganda. E eu acho que a propaganda é como a luz indirecta: deve iluminar sem ser vista. Não faça edições SNI, não fale no Secretariado; apague-o e apague a luz que lhe bate em cheio e com que lhe batem a si» (Barros 195-?, vol. 2, 7).

Será que Leitão de Barros tinha razão? Como responsável por um dos periódicos mais marcantes na propaganda da ascensão de Salazar ao poder, *O Notícias Ilustrado* (Serra e Torres 2017, 221-222; de formatos apologeticos do Estado Novo, tudo indica que sim, como veremos. Mas António Ferro não só já tinha experimentado a ocultação da propaganda, através de periódicos supostamente independentes, como tinha sido atacado muito antes de o SPN<sup>3</sup> se transformar em SNI (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo):<sup>4</sup> «Vai servir o Estado [...], o sr. António Ferro, nosso prezado camarada de Imprensa, escritor e jornalista dos mais distintos do país, um dos homens da moderna geração mais admirados e mais discutidos, e por vezes mais asperamente combatido» (Anónimo 1933).

<sup>1</sup> Título das crónicas semanais que Leitão de Barros publicou no *Diário de Notícias* entre 1953 e 1967 (Barros 195-?).

<sup>2</sup> «A grande propaganda, a propaganda superior, aquela que conta e marca, é sempre uma só: – a que o público não sabe que é propaganda [...] Uma propaganda nacional [...] deveria ser feita largamente, profundamente, sem que se soubesse que era propaganda. O organismo que a tem a seu cargo devia *desaparecer*, diluir-se, ser a mais silenciosa e ignorada de todas as repartições públicas» (Anónimo 1934).

<sup>3</sup> Pintor, cenógrafo, dramaturgo e cineasta, Leitão de Barros foi também um activo jornalista e fundador de jornais. António Ferro colaborou com ele n' *O Notícias Ilustrado* e n' *O Século Ilustrado*. Criou, para o SPN, os álbuns *Portugal 1934 e Portugal 1940*. Foi responsável pelos serviços externos da Exposição do Mundo Português e organizador dos cortejos históricos e das marchas populares. Realizou grandes-metragens, subsidiadas e premiadas, como *Ala-Arriba* e *Camões*, e documentários enaltecendo a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa.

<sup>4</sup> Criado através do *Diário do Governo* (Decreto-Lei n.º 23 054, de 25 de Setembro de 1933).

<sup>5</sup> Criado através do *Diário do Governo* (Decreto-Lei n.º 33 545, de 23 de Fevereiro de 1944, entre outros diplomas).

Independentemente daquilo que poderá ter sido a sua eficácia, justificava-se então a «propaganda da propaganda», como referiu Leitão de Barros, ou melhor, a autopropaganda das realizações do organismo dirigido por Ferro? A partida, sem ela, o SPN teria dificuldades acrescidas em face de uma série de obstáculos a que tinha de fazer frente, designadamente através de acções de contrapropaganda, algo a que também recorreu, como adiante se explica.

## O combate à influência de periódicos hostis ao SPN

Numa investigação atenta sobre o Estado Novo sobressai, tanto no arquivo Salazar como no arquivo SNI,<sup>6</sup> um conjunto de informações que demonstram terem-se verificado de forma regular, e pelo menos até 1947, diversos obstáculos que terão constituído alguma frustração para António Ferro. Num memorando não assinado, do Ministério da Guerra, foram naquele ano tecidas críticas à inoperância da propaganda oficial e à sua suposta corresponsabilidade na degradação do clima de opinião. Apontavam-se, nesse documento, factores como «o aparecimento dum movimento declaradamente oposicionista, organizado e disciplinado: o MUD» e o «desinteresse, falta de confiança, descrença, descontentamento [...] quase revolta surda, dentro das fileiras nacionalistas contra o próprio Estado Novo», e acrescentava-se: «Atribuem-se as «culpas desta situação ao governo, à União Nacional e ao Secretariado Nacional da Informação», que «talvez por se voltar absorvente para o exterior, se esqueceu de que cá dentro havia a fazer uma propaganda intensiva, ininterrupta e inteligente».<sup>7</sup>

Para além de iniciativas bem-sucedidas, designadamente as destinadas à propaganda no estrangeiro, baseadas em acordos culturais e na internacionalização da imagem de Salazar (Victorino 2018b, 169-250), foram várias as críticas abertas e veladas, os boicotes declarados

<sup>6</sup> Arquivo Salazar e arquivo do Secretariado Nacional da Informação, no Arquivo Nacional Torre do Tombo, ANTT, Lisboa.

<sup>7</sup> V. no Arquivo Nacional Torre do Tombo *memorandum* do Ministério da Guerra (arquivo Salazar, Novembro de 1947, PC-3J, caixa 611, capilha 10) e também Victorino, 2018b, 138-139).

ou acobertados de dificuldades burocráticas, as falhas organizacionais, as escassas dotações orçamentais, a par de algum clima desfavorável, por parte da opinião pública, a algumas formas de inculcação preconizadas pelo SPN nesta fase.

Já em 1933 «não caiu muito bem, na opinião de alguns situacionistas, a criação do Secretariado», contou o jornalista Luís Lupi (1901-1977)<sup>8</sup> nas suas memórias (Lupi 1971, 185), referindo que, para «certos monárquicos», o organismo iria «custar tanto à Nação como a Família Real», acrescentando: «Em artigo publicado em jornal que anda de mão em mão, sem passar pela censura, lê-se que só para nove meses do ano económico a verba atribuída foi de mil contos». E, como relatou Artur Maciel (1900-1977), o mais próximo colaborador de António Ferro nos alvares do SPN,<sup>9</sup> «ainda sem acção nenhuma», esse organismo já se prestava «a vagas de dúvidas e suspeitas»:

A sanha no ataque era tão impetuosa, que perante mim próprio, com a contabilidade do organismo a meu cargo, se chegava ao cúmulo de pretenderem informar-me das «somas astronómicas» que diziam Ferro estar a despender em benefício apenas seu [...] Pobre António Ferro, que liquidava as contas do alfaiate a prestações e ainda na véspera de morrer, apesar de instintivamente económico, lutava com severas dificuldades de dinheiro! [Maciel 1957].

No mesmo ano, Artur Inês (1898-1968),<sup>10</sup> futuro fundador de *O Diabo*<sup>11</sup> e jornalista da imprensa não alinhada com a ditadura,

<sup>8</sup> Foi secretário-geral do 1.º Congresso Nacional de Turismo em 1936. Representou Portugal na agência Reuters. Fundou a agência noticiosa Lusitânia (1944), iniciativas em que a diversos níveis se distinguiu como crítico declarado da acção do SPN, cuja propaganda considerava «ineficaz» (Lupi 1971, 251).

<sup>9</sup> Monárquico tradicionalista, escritor, jornalista e crítico de teatro, Maciel foi o primeiro responsável pelos serviços internos do SPN, em 1933. A estes competia, entre outras funções, a regulação das relações com a imprensa. Fundador e dirigente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, como António Ferro, na sequência da extinção dos sindicatos independentes e organizações de classe, em total submissão ao Estatuto do Trabalho Nacional, saído da Constituição de 1933.

<sup>10</sup> Artur Inês foi um jornalista e escritor alinhado com o regime democrático que antecedeu a instauração da ditadura militar em 1926. Nesse registo colaborou em periódicos como *A Batalha* e *O Povo*. Foi dirigente do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, extinto na sequência da criação do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

<sup>11</sup> Fundado em 1934, este semanário cultural foi considerado, no *Bandarra*, como «o diabo autêntico – o socialista» (Anónimo 1935f).

publicou o opúsculo *Oiça, António Ferro!*, violenta crítica ao facto de este, no *Diário de Notícias*, ter acusado a oposição republicana de passadismo sebastianista:

Nunca o vimos atacar esses sebastianistas no tempo em que eles mandavam. Nesse tempo fazia o senhor a *Leviana* e outras partidas literárias. Na política não bulia, embora os perigos fossem menores que os de hoje. Nos primeiros anos da ditadura também ninguém ouviu falar de si porque, enfim, não se sabia onde iriam parar as modas [Inês 1933, 26].

Em atmosfera de persistente animosidade por parte de alguns colegas de profissão, esta foi uma das primeiras ameaças que, com o lançamento do citado *Fradique* pelo monárquico Tomás Ribeiro Colaço (1899-1965),<sup>12</sup> tomou foros de aberta hostilidade.

Em 1933, Ferro já tinha plena consciência do que iria enfrentar, declarando: «O direito à calúnia tem de acabar em Portugal! Os intriguistas profissionais, os amadores de escândalos, os boateiros mal-intencionados, tornam irrespirável a atmosfera em que vivemos, e é necessário combatê-los, como se combatem micróbios» (Anónimo 1933). Assim se iniciou o combate ao *Fradique*, mas também aos bastiões da oposição tolerada, casos de *O Diabo* e do *República* e de revistas como a *Seara Nova* e a *Presença*, a qual já vinha a hostilizar Ferro desde 1929 (Victorino 2013, 142-143).

Em relação ao *Fradique*, o caso não era para menos, pois em 1934 começaram nesse jornal a ser publicados os três primeiros capítulos<sup>13</sup> de um romance que Colaço só veio a editar no Brasil em 1947, *A Calçada da Glória*, acintosa caricatura da «vida e obras de Anthero Chumbo»,

<sup>12</sup> Advogado, escritor, dramaturgo e jornalista ligado à Causa Monárquica, em 1933, Colaço tinha sido nomeado representante da classe na Comissão de Recurso de Lisboa, perante a censura, como presidente do Sindicato da Imprensa Portuguesa. Quando este foi dissolvido, na sequência da criação do citado Sindicato Nacional dos Jornalistas (no qual foi preterido), protestou junto de Salazar, definindo a nova organização como um «sindicato de máscaras», não representativo dos jornalistas, «cozinhado por António Ferro» (Gomes 2006, 58-59 e 139).

<sup>13</sup> Respectivamente, em 5-07-1934, 27-09-1934 e 7-02-1935. Numa entrevista dada por Colaço foram também referidas «as Memórias de Anthero Chumbo, de que o semanário *Fradique* publicou já alguns trechos, assombrosos de realidade, sobretudo no que diz respeito ao desenho da figura primordial» (Anónimo 1935g).

em chave facilmente decifrável (Colaço 1947).<sup>14</sup> Segundo José-Augusto França, «sempre levado por uma feroz aversão a Ferro, de quem criticara violentamente a peça *Mar Alto* [...] e que subia na vida oficial que a ele era recusada» (França 2003, 14), Colaço não se coíbiu de atacar o SPN, através do *Fradique*, em artigos sobre os prémios literários daquele organismo, bem como o citado Artur Maciel, tendo Ferro como último destinatário (Anónimo 1935e). Mais tarde, Colaço referiu que uma das diversas razões que contra ele possuía datava do período em que, «como último recurso», Ferro lhe «estrangulava o jornal com a censura», que «chegou a ser dupla, censura em prova, censura em página».<sup>15</sup>

Como também referiu França, era assim «Ferro malhado» tanto «à esquerda republicana como à direita monárquica» (França 1995, 11), donde concluímos daí se ter ressentido também a propaganda por si orquestrada, facto que nos coloca a seguinte questão: quando falamos dos projectos editoriais do Estado Novo, designadamente dos apoiados pelo Secretariado, ou sob a sua alçada, não deveremos também interrogar-nos acerca da sua eficácia junto da opinião pública, ou seja, do contexto da sua recepção? Refiram-se, a título de exemplo, periódicos situacionistas como *A Verdade*, de Costa Brochado (1904-1989),<sup>16</sup> e o próprio *Diário da Manhã*,<sup>17</sup> que acumulavam défices

<sup>14</sup> Em carta datada de 26 de Fevereiro de 1941, já auto-exilado no Brasil, Colaço referiu que «está pronta a Calçada da Glória! [...] Não é livro vendável – mas tratarei de que fure. E furará... Mesmo que só possa ser vendido a 50\$00, para gulosos [...] Meu medo é só que se saiba aí antes, a tempo de «de lá» tentarem entrar a edição aqui» (correspondência de Thomaz Ribeiro Colaço para Virgínia Victorino).

<sup>15</sup> Parte de uma transcrição, na época datilografada, de três cartas de Colaço para Martinho Nobre de Melo, remetidas de Petrópolis em 21 e 28 de Setembro e 5 de Outubro de 1941 (correspondência de Thomaz Ribeiro Colaço para Martinho Nobre de Melo).

<sup>16</sup> Idalino da Costa Brochado foi o jornalista que Ferro convidou para dirigir o semanário, supostamente independente, *A Verdade*, entre 1933 e 1939, que, ao destinar-se às «massas populares», se propunha «pregar, em linguagem simples, acessível», a doutrina de Salazar (Victorino 2007, 168). Sendo o Ministério do Interior «o seu proprietário, de facto», este jornal contava com um subsídio de 8000 escudos mensais, atribuído pelo SPN, verba sem a qual, segundo Brochado, não poderia subsistir financeiramente [v. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, documento do Secretariado da Propaganda Nacional, relação das despesas efectuadas, assinado por António Ferro, Setembro de 1936 (Arquivo Salazar, PC-12D, cx. 661, capilha 6)].

<sup>17</sup> Órgão da União Nacional, fundado em 1931. Três anos volvidos, este diário já tinha um défice superior a 40 contos por trimestre, não contando com «o subsídio de aproximadamente 10 contos mensais» que o SPN lhe prestava «para pagamento da impressão e do papel» [v. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, documento do

financeiros e não correspondiam ao que deles se esperava como agentes de inculcação.

Foi perante este quadro que acabou por se apostar em diversas contramedidas, nas quais o SPN teve grande protagonismo. Estas passaram pela compra de periódicos, como o *Correio do Minho*, por exemplo (transformando-o em órgão oficioso), pela criação de semanários, como o *Bandarra*, ou, mais tarde, de diários, como *A Tarde*, no Porto, que, pelas suas características, pudessem exaltar valores defendidos pelo Secretariado, sem nunca comprometerem a sua origem aos olhos do público (Victorino 2007, 169-171 e 180-181). Refira-se também a política de subsídios, recorrente, apesar da opinião de Salazar: «Não parece que a melhor forma seja a de subsidiar jornais. Vejo com a maior antipatia este processo de propaganda».<sup>18</sup> Deve ainda acrescentar-se, neste contexto, a informação relativa ao boicote, por parte de certos títulos, transmitida a Salazar por Albino Tavares de Almeida (1900-1988),<sup>19</sup> o funcionário que terá substituído Maciel no SPN:<sup>20</sup>

De um exame rápido, à actividade diária dos meus Serviços se poderá verificar que não são inferiores em interesse as notícias por nós enviadas àquelas que na generalidade os jornais imprimem. Pois raro é o dia em que todas são publicadas e excepcional aquele em que são desenvolvidas e tornadas de maior interesse. É necessário pedir, solicitar, mendigar, a fim de obter relevo para o que espontaneamente e no mais elementar sentido jornalístico – para não dizer de colaboração nacional – o deveria ter.<sup>21</sup>

Por último, no mesmo período é ainda apontado num relatório da censura: «Nos jornais de grande circulação nota-se certa relutância

Secretariado da Propaganda Nacional, relação das despesas efectuadas, Maio de 1934 (Arquivo Oliveira Salazar, PC-12D, caixa 661, capilha 2)].

<sup>18</sup> V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Política do Espírito. Alterações ao projecto de orçamento do SPN para o ano de 1941», s. d., s. a. (Arquivo Oliveira Salazar, PC-8E1, caixa 562, capilha 73).

<sup>19</sup> Médico-inspector dos Serviços de Emigração, foi em 1940 convidado por Ferro para dirigir os Serviços de Informação e Imprensa do SPN. Colaborou em diversos jornais (Gomes 2006, 146).

<sup>20</sup> Para ir chefiar a redacção d'*A Noite*, em 1939, vespertino nacionalista dirigido por Augusto de Castro.

<sup>21</sup> V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, relatório assinado por Tavares de Almeida, Dezembro de 1941 (Arquivo Oliveira Salazar, PC-12E, caixa 662, capilha 7).

na publicação de notícias emanadas do SPN, principalmente no *Século*, quando estas dizem respeito à acção do seu Director». <sup>22</sup> Este comentário ajuda a compreender a lógica de manutenção de suportes officiosos por parte do Secretariado, estratégia iniciada com o *Bandarra*, efectivo primeiro suporte de autopropaganda daquele organismo.

## «O grito da ‘Política do Espírito’ nas ruas de Lisboa»

Apesar de nunca ter ostentado a sua origem, só assumida, segundo cremos, em 1958, na edição comemorativa dos 25 anos do SNI (Secretariado Nacional da Informação 1958), o *Bandarra* não precisava de ocultar essa filiação. Logo a partir do primeiro número (16-03-1935), a sintonia de posições e a publicação de artigos sobre iniciativas do SPN se tornaram por demais evidentes. Mas também, ao incensar o fascismo italiano, acabou por se estabelecer uma conotação do jornal com essas ideias, caso concreto deste excerto:

Da sua viagem pela Europa, em 1934, trouxe António Ferro uma série de impressões que foram publicadas no *Diário de Notícias* [...] Mas o ilustre escritor guardava ainda, entre os seus papéis, alguns capítulos inéditos dessa viagem, como, por exemplo, aquele em que registara a hora grandiosa da comemoração do XII ano do fascismo em Roma, a que assistiu [...] *Bandarra* tem o maior gosto em oferecer hoje aos seus leitores essa notável página de alto jornalismo – que merece ser chamada uma página de história moderna [Anónimo 1935a].

Tal factor resultava não só do enquadramento de desertores do nacional-sindicalismo na estrutura do SPN, <sup>23</sup> mas também das convicções pessoais do seu director, consequência das ligações que

<sup>22</sup> V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, relatório da censura sobre os aspectos da imprensa diária de Lisboa e do Porto, Dezembro de 1941 (Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, maço 526).

<sup>23</sup> V. Cristina Pacheco (1997, «Os integralistas no Secretariado da Propaganda Nacional», *Clio*, 2: 137-152, cit. por Victorino 2007, 171 e 219).

anteriormente tinha estabelecido com João de Castro Osório (1899-1970) <sup>24</sup> e Homem Cristo Filho (1892-1928). <sup>25</sup>

Enquadrados na União Nacional, nem por isso deixando uns e outros de serem monárquicos ou republicanos tentados pelo fascismo (alguns pelo nazismo), <sup>26</sup> este período do SPN caracterizou-se por uma dinâmica ideológica também explicada pela necessidade de se atenuar e de se legitimar a dissolução do referido movimento de Rolão Preto, exilado no ano anterior (Pinto 1992, 130). Período caracterizado pela agitação contrapropagandística de algumas iniciativas, como o lançamento da primeira organização fascista de juventude, a Associação Escolar Vanguarda (1934), inspirada nos *Avanguardisti*, o *Decálogo do Estado Novo* (1934), e os comícios anticomunistas (1936), não deixava, porém, a actividade do SPN de estar em contradição com as reservas que Salazar já havia manifestado em relação à natureza do fascismo italiano (Adinolfi 2007, 35 e 109-110), ainda para mais em fase expansionista, com a candente questão da Abissínia na agenda da Sociedade das Nações e o receio da cobiça das grandes potências pelos territórios ultramarinos (Costa 1935a).

<sup>24</sup> Na relação epistolar de Ferro com Castro Osório, fundador, em 1923, com Raul de Carvalho, do Nacionalismo Lusitano, sobressaem três cartas, sem data, em que o segundo se referiu à preparação conjunta de um «manifesto», com a colaboração de Afonso Lopes Vieira e de um «comandante», que supomos tratar-se do capitão-de-fragata Filomeno da Câmara, ao serviço do qual Ferro participou nas intencões militares de Abril de 1925 e Agosto de 1927 (correspondência de João de Castro Osório para António Ferro).

<sup>25</sup> Homem Cristo Filho foi uma das personalidades que mais influenciaram o pensamento de António Ferro. Publicou *Mussolini batisseur d'avenir: barangue aux foules latines* (1923), conquistando a intimidade de diversos notáveis do regime italiano. A ele deve Ferro a rede de contactos internacionais que lhe terão proporcionado algumas das entrevistas conseguidas para o *Diário de Notícias*. Em consequência da acção conjunta, através do diário *A Informação* (numa deriva radical antagonizada com a facção de Carmona, após a destituição de Gomes da Costa), Homem Cristo foi deportado, mantendo-se Ferro a colaborar, até ao fim daquele jornal, em 1927, sob o pseudónimo Fradique Mendes (Victorino 2018a).

<sup>26</sup> Foi o caso de António Eça de Queirós, a seguir a Ferro o membro mais importante na hierarquia do SPN, estrutura ambivalente, em que também existiam funcionários cuja formação católica os levou a criticar o nazismo (caso de José Luís da Silva Dias, em 1939). Ao contrário dos simpatizantes de Hitler, Ferro manteve ao longo da Segunda Guerra Mundial uma posição de neutralidade, como atesta o relatório do *Foreign Office*, «Personalities report for Portugal, 1943» (Victorino 2007, 219-220, 282-283 e 503). De notar também que no *Bandarra* apareceu publicado um artigo censurando fortemente o anti-semitismo do regime alemão (Costa 1935b).

Propondo-se ser o *Bandarra* «o grito da 'Política do Espírito' nas ruas de Lisboa» (Anónimo 1935c),<sup>27</sup> com inequívoco arrojado gráfico de Augusto Ferreira Gomes (1892-1953),<sup>28</sup> dirigido por Pedro Correia Marques (1890-1972),<sup>29</sup> este jornal surgiu em tom messiânico, pretendendo estabelecer uma conotação simbólica entre as profecias do sapateiro de Trancoso, o advento do «quinto império» e o advento do Estado Novo (Correia 1935).

Ainda prevalecia, porém, uma falta de unanimidade perante a ditadura (por sua vez, decorrente de um aparato repressivo ainda em fase de formação) e até a possibilidade, latente, de se verificar um retrocesso nas intenções do regime. Veja-se, em 1934, o seguinte ofício do SPN à atenção de Salazar:

A Câmara Municipal de Lisboa indeferiu o pedido do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa para afixar cartazes com isenção de taxas [...] Este sindicato está a ser contrariado pelos elementos comunistas [...] Por esse motivo o Secretariado resolveu solicitar à Câmara a isenção de taxas, declarando que a afixação seria pelo mesmo feita. Este pedido foi ainda indeferido por a Câmara entender que o assunto é de interesse particular e não público. Junta-se cópia do ofício hoje dirigido a S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Interior em que se refere o acontecimento e se relatam opiniões de funcionários da Câmara sobre o perigo que correm os organizadores do Sindicato no caso de haver uma reviravolta.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> «Enganam-se os homens de acção [...] que desprezam ou esquecem as belas-artes e a literatura, atribuindo-lhes uma função meramente decorativa [...] A política do Espírito (Paul Valéry acaba de fazer uma conferência com o mesmo título) não é apenas necessária, se bem que indispensável em tal aspecto, ao prestígio exterior da nação, é também necessária ao seu prestígio interior, à sua razão de existir» (Ferro 1932).

<sup>28</sup> Ferreira Gomes foi jornalista, crítico de arte, artista gráfico e poeta nacionalista, cuja obra, *Quinto Império*, foi prefaciada pelo seu amigo Fernando Pessoa, com o qual partilhava interesse pelo ocultismo. Sendo também amigo de António Ferro, com quem colaborou no citado *A Informação* e no SPN, cultor de tendências modernistas, como aquele, conferiu um grafismo depurado e original a algumas publicações, como o *Bandarra*.

<sup>29</sup> Jornalista, escritor e crítico literário anteriormente ligado ao Integralismo Lusitano, tendo sido redactor principal de importantes periódicos de tendência católica e monárquica, como *A Época* e *A Voz*.

<sup>30</sup> V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, documento dos serviços internos do Secretariado da Propaganda Nacional, Abril de 1934 (Arquivo Oliveira Salazar, PC-12a, caixa 658, capilha 2).

Talvez também alguma ingenuidade tenha prevalecido nas hostes situacionistas neste período, designadamente a nível do SPN, tendo o *Bandarra* revelado imagens de presumíveis torturas infligidas pela PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado),<sup>31</sup> curioso recurso à contrapropaganda. Posteriormente, contudo, nesse contexto difuso, não deixaria de se estabelecer uma articulação entre ambos os organismos:

Sendo necessário para o efeito da acção que ao Secretariado incumbe de [...] dar combate à penetração no país de ideias perturbadoras e dissolventes da unidade e interesse nacional, solicito de V. Ex.<sup>a</sup> se digne mandar recomendar à Polícia de Vigilância e Defesa do Estado que preste ao Secretariado o auxílio de que carecer e com ele tenha as ligações necessárias para o bom desempenho daquela atribuição.<sup>32</sup>

Teve o *Bandarra* uma existência efémera, terminando ao fim de 43 números (em 11 de Janeiro de 1936), quando anunciava um novo título que se pretendia viesse a substituí-lo – a revista mensal *Espírito* –, muito provavelmente o protótipo do projecto editorial que só veio a concretizar-se mais tarde, em 1941, através da *Panorama* (Victorino 2007, 170-171).

Perante nova ameaça, surgida com o começo das hostilidades em Espanha, e em paralelo com outras iniciativas dirigidas às massas e decalcadas das práticas de arregimentação italianas (como

<sup>31</sup> Estas imagens, em desenho, foram remetidas à delegação de intelectuais que visitaram Portugal a convite do SPN, como Maurice Maeterlinck, Gabriela Mistral, François Mauriac, Miguel de Unamuno, Eugenio d'Ors, Jacques Maritain, entre outros (iniciativa a que o *Bandarra* deu cobertura a partir de 29-06-1935): «Tentaram atingir os meios onde a inteligência domina e onde os espíritos vivem numa atmosfera superior de cultura e arte. Mas como a raiva os obceca, assinaram as suas cartas pela 'Delegação Portuguesa do Socorro Vermelho' e puseram no postal, cuja gravura reproduzimos, as iniciais FAI (Federação Anarquista Ibérica) e CGT (Confederação Geral do Trabalho). Desta maneira denunciaram aos escritores estrangeiros a origem marxista da sua campanha» (Anónimo 1935b).

<sup>32</sup> V. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, carta ao ministro do Interior, Presidência do Conselho, Fevereiro de 1936 (Arquivo Oliveira Salazar, PC-12a, caixa 658, capilha 7).

o teatro do povo<sup>33</sup> e o cinema popular ambulante<sup>34</sup>), é provável ter pelo menos sido atribuído financiamento do SPN a novo projecto editorial em Setembro de 1936, ao semanário *Acção*, contando agora com Augusto Ferreira Gomes como redactor principal. Só não podemos taxativamente afirmá-lo porque não encontramos elementos concretos que o confirmem. Mas, apesar de Dutra Faria (1910-1978)<sup>35</sup> ter ali criticado Ferro pela entrega do Prémio Antero de Quental a Vasco Reis (e não a Fernando Pessoa<sup>36</sup>) e a Azinhal Abelho,<sup>37</sup> não deixou *Acção* de conceder diversos espaços nobres ao director do SPN. Tendo este periódico declarado no primeiro número uma fórmula de putativa independência: «Para a frente, nem direitas nem esquerdas», entre outros conteúdos de marcado teor ideológico, teve honras de capa uma entrevista de António Ferro, reproduzindo a ideia que este havia lançado no *Diário de Notícias*: a organização de um abaixo-assinado de intelectuais

<sup>33</sup> Lançado pelo SPN em 1936, o *teatro do povo* inspirou-se nas políticas culturais de Mussolini, designadamente nos *carro di tespi* (de teatro lírico). Através de um palco desmontável, que, com cenários, guarda-roupa, artistas e pessoal, era transportado numa caravana, o seu reportório foi constituído maioritariamente por clássicos populares portugueses. O primeiro ano de actuação saldou-se num total de 39 espectáculos (no Ribatejo, no Alto Alentejo e no Barreiro), itinerário que foi sendo alargado devido à «preocupação de actuar principalmente na região fronteiriça, onde eram mais conhecidas as infiltrações de doutrinas dissolventes», devido ao conflito espanhol (Victorino 2007, 426-436).

<sup>34</sup> Também lançado pelo SPN, com os mesmos objectivos de inculcação doutrinária, em localidades predominantemente agrícolas, fabris ou mineiras. A *tournee* inaugural decorreu entre Janeiro e Maio de 1937, num total de 127 sessões, a que teriam assistido cerca de 100 000 pessoas. Também decalcando o modelo italiano, neste caso dos *cinemobile*, as projecções costumavam ser antecedidas de palestras, «explicando a intenção do Governo ao criar e enviar às povoações distantes um cinema ambulante para distrair e educar o povo» (Victorino 2007, 445-459).

<sup>35</sup> Francisco de Paula Dutra Faria, jornalista e escritor, integrou o já referido grupo dissidente do Movimento Nacional-Sindicalista, em 1933, tendo antes dirigido *A Revolução*, periódico daquela causa. Foi igualmente chefe de redacção do citado *Fradique*.

<sup>36</sup> Em Dezembro de 1934, no intuito de colocar a veia «profética e messiânica» da *Mensagem* «ao serviço dos fins políticos do regime», Pessoa foi premiado na primeira edição dos prémios literários, mas «em segunda categoria» (contrariando Ferro), atrás d'*A Romaria*, livro de poesia do padre franciscano Vasco Reis, obra que Dutra Faria considerava medíocre (Pessoa e Barreto 2015, 32-35; Faria 1937).

<sup>37</sup> Criticando o critério de atribuição do mesmo prémio, em 1937, ao livro de poesia de Joaquim Azinhal Abelho, *Confidências dum Rapaz Provinciano*, obra que considerou indigna de o receber, pedindo a Ferro que extinguísse o júri que o elegeu (Faria 1937).

portugueses contra o fuzilamento de homólogos espanhóis às mãos dos republicanos (Carrapa 1936).

Terminando ao fim de 56 números, em 1938, *Acção* reaparece em Abril de 1941, apresentando agora características que nos permitem efectivamente situá-lo na descendência directa do *Bandarra*. Dirigido na nova versão por Manuel Múrias (1900-1960),<sup>38</sup> colaborador do SPN em diversas ocasiões (e que anteriormente tinha dirigido a revista *Ocidente*, alinhada com o regime), apesar de no primeiro número se ter referido que não se tratava do mesmo periódico: «Não é a mesma *Acção* [...], são outros os proprietários, é outra a organização, diferentes são as circunstâncias exteriores que motivaram os dois jornais», não deixa de se constatar um paralelismo entre ambos os suportes e a mesma inspiração no ideário e no «gosto» de António Ferro, que o *Bandarra* já havia reflectido.

Para lá de outras considerações, designadamente no que concerne à utilização de pseudónimos que cremos terem sido utilizados por Ferro no *Bandarra*, «O Homem das Multidões»,<sup>39</sup> «Jorge Afonso»,<sup>40</sup> «Francisco Manuel»,<sup>41</sup> ostentando o mesmo subtítulo já utilizado naquele (*Semanário da Vida Portuguesa*), *Acção* também revelará, mais uma vez, um naipe de colaboradores muito próximos do SPN, igualmente cobrindo iniciativas por Ferro acarinhadas. Refiram-se, entre outras, as exposições de pintura levadas a cabo no estúdio do SPN, os bailados Verde-Gaio, os prémios literários, o álbum *Casas Económicas*, verificando-se também uma articulação com os conteúdos da *Panorama*, que começaria a ser publicada em Junho do mesmo ano. Tais elementos levariam-nos, em suma, a considerar ter sido também este título uma herança do *Bandarra*, dicotomia que convém analisar, dado que cremos não se dever enveredar pelo estudo de uma sem o outro.

<sup>38</sup> Outro jornalista dissidente do Movimento Nacional-Sindicalista, tendo antes dirigido a revista *Nação Portuguesa*, órgão do Integralismo Lusitano. Como escritor, foi premiado pelo SPN com a obra *Portugal: Império* (1940).

<sup>39</sup> Por exemplo, no artigo «Elogio dos cartazes», tendo o 2.º volume de entrevistas de Salazar a Ferro (1938) sido intitulado *Homens e Multidões* (Anónimo 1935d). Ferro revelou um interesse permanente pela arte do cartaz enquanto suporte político ou meramente turístico.

<sup>40</sup> Caso da secção de arte do *Bandarra*, em idêntico pseudónimo com que Ferro assinou o argumento da película *A Revolução de Maio* em 1937 (o realizador António Lopes Ribeiro utilizou o de Baltazar Fernandes, ambos, portanto, inspirados em pintores do século XVI).

<sup>41</sup> Nomes próprios de Homem Cristo Filho.

## Da emoção à razão: a *Panorama* como veículo de propaganda não doutrinária

Quando foi lançada a *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*,<sup>42</sup> apesar do estado de graça obtido com os «centenários»<sup>43</sup> sensual em diversos sectores pró-regime. Para além da crónica falta de verbas, acentuada pela guerra, a informação proveniente do Secretariado era reproduzida de forma irregular por parte de diversos periódicos, considerando-se também a sua propaganda como anódina ou

Reflectindo as suas mais profundas convicções como jornalista, como intelectual e como político, pode a fórmula do projecto editorial da *Panorama*, dirigida pelo poeta Carlos Queirós (1907-1949),<sup>44</sup> ver aqueles estrangimentos? Acresce que, tendo este assumido o pelouro do turismo no ano anterior,<sup>45</sup> foi certamente por esse motivo que à revista, para além das artes, se acrescentou essa componente (algo anacrónica, porém, perante o conflito mundial). Não se devem, por outro lado, esquecer dois factores no mesmo contexto: toda a propaganda oficial deveria agora estar alinhada com a opção do regime pela neutralidade, impondo-se a censura para conteúdos que a colocassem em causa (a circulação de formatos como o

<sup>42</sup> A primeira série terminou com o n.º 39, em 1949, quando Ferro saiu do Secretariado para assumir o posto de embaixador em Berna.

<sup>43</sup> Foi grande o protagonismo de António Ferro, como secretário-geral da comissão executiva da Exposição do Mundo Português, em 1940, momento histórico de projecção e consolidação do regime. Através dos artistas com que anteriormente tinha contado, como «pintores-decoradores» dos pavilhões portugueses nas exposições internacionais de Paris (1937) e de Nova Iorque (1939), coube ao SPN a criação do Centro Regional (com as subsecções «Vida popular» e «Aldeias portuguesas») e a sala «Portugal 1940».

<sup>44</sup> Poeta, publicista e crítico literário, conhecido como autor de *Breve Tratado de Não Versificação* (1948) e divulgador da obra de Fernando Pessoa, foi também colaborador de revistas, como *Presença*, *Variante*, *Sudoeste* e *Litoral* (dirigindo esta em simultâneo com a *Panorama*). Foi Prémio Antero de Quental de Poesia pelo SPN (1935).

<sup>45</sup> Pelo *Diário do Governo* (Decreto-Lei n.º 30 289, de 3-2-1940), os Serviços do Turismo, adstritos ao Ministério do Interior, passaram a funcionar no âmbito do SPN.

*Bandarra* já não seria possível, a não ser clandestinamente<sup>46</sup>), e ainda o facto de a *Panorama* ter surgido no início de um conflito em que o Eixo parecia ser dominante e em que o turismo italiano (particularmente o interno) havia tido grande incremento com as políticas de Mussolini.

Desta forma, com as artes e com o turismo, Ferro podia fazer a propaganda do potencial do país, sem ter de fazer a propaganda directa do regime, tornando-se a *Panorama* um verdadeiro instrumento de consenso: esta era uma publicação em que se ultrapassavam as divisões, «o apagamento das paixões egoístas em proveito do interesse nacional», necessidade anteriormente preconizada por Salazar (Salazar 1943, XLVI).

Ao aliar as artes promovidas pelo Secretariado («a arte, a literatura, a ciência, constituem a grande fachada de uma nacionalidade») (Ferro 1978, 122) à promoção turística («meio seguríssimo não só de alta propaganda nacional como de simples propaganda política») (Ferro 1949, 35), também montra de valores e realizações de um regime em plena necessidade de afirmação interna e externa, *Panorama*, durante a 1.ª série, apesar da sua filiação, ainda revela uma abordagem em que se substituiu um discurso panfletário por um discurso literário (apesar de por vezes dogmático) (Victorino 2018b, 42). Combinando um ideário simultaneamente reformista e tradicionalista, não deixando de abrir as suas páginas a audácias pictóricas do neo-realismo, ou mesmo à crítica, designadamente à incúria prevalecente ao nível de algum património (supostamente à guarda da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) (Victorino 2018b, 65, 348-349 e 356), *Panorama* não só se tornou o órgão impresso de maior destaque na actividade do SPN/SNI, como o melhor suporte das iniciativas mais acarinhadas pelo seu mentor no plano «da renovação do gosto»: das artes plásticas às artes decorativas, da *aldeia mais portuguesa* à reinvenção da «arte popular» (mas não dos prémios literários, por razões que não devem ter sido alheias ao que anteriormente aflorámos nesse registo).

<sup>46</sup> Caso do *Alerta!*, periódico germanófilo que, no final da guerra, distribuído pela Legião Portuguesa, atacou diversas personalidades do regime por supostas simpatias pró-aliadas, caso de António Ferro. Tal terá levado ao seu encerramento por determinação do ministro do Interior, Júlio Botelho Moniz (Barros 2002).

Para além dos artigos dedicados às obras públicas do regime, esta era a fórmula que cremos ter sido para o Secretariado a mais compensadora, com o seu formato *tranquilo*, transformando-se numa referência para os seus leitores, se bem que na 3.ª série, com a introdução da secção «Documentário gráfico da vida portuguesa» (já não se encontrando Ferro aos comandos do SNI), os momentos solenes do regime tenham passado a ser metodicamente registados na revista, com Salazar abundantemente retratado, o que pode ter conduzido a uma crise de eficácia, dado o retorno à referida ênfase conotativa do pré-guerra.

Não deixou, mesmo assim, a 1.ª série da *Panorama* de ser pura «propaganda da propaganda», como diria Leitão de Barros, pois, apesar da sua descrição, ostentava a origem no cabeçalho e tinha uma secção especial a ela dedicada, «Iniciativas e realizações» (ou seja, uma autopropaganda suavemente assumida perante os seus leitores).

## Considerações finais

A nomeação de António Ferro para o SPN tinha implicado uma natural contrição face ao seu passado de «vanguardista iconoclasta»: «A hostilidade [...] contra mim, a indignação contra o facto de me terem convidado a ocupar um lugar sério na vida portuguesa, tinha a sua razão de ser» (Ferro 1943, 10), aqui reportando-se à sua fase literária, de pendor futurista, durante os anos 20.

Cativo da sua própria imagem, fiel e criativo servidor de Salazar, mas incapaz de combater o grau de contestação à sua pessoa, sendo crescente a ineficácia das suas estratégias para enfatizar a influência do Secretariado junto da opinião pública, tais factores sofreram um agravamento com a vitória dos Aliados e a formação do MUD (Movimento de Unidade Democrática), levando à saída de António Ferro do Secretariado, em 1949, a caminho dos cargos diplomáticos que acabariam por desiludi-lo em fase final de vida.

Sublinhe-se, porém, que o próprio já se tinha pragmaticamente justificado perante as críticas. À questão: «Não ignora [...] que há certas pessoas, aliás dignas de toda a consideração, que pediram, talvez ao SPN, uma acção mais política, exclusivamente política ou doutrinária e que, fiéis à conhecida fórmula maurasiana, gostariam de ver

passar, com frequência, para planos mais secundários as preocupações puramente artísticas ou estéticas?», Ferro respondeu:

Eu próprio reconheço hoje que o SPN poderia ter sido outra coisa, puramente política, ter desenvolvido só uma acção de doutrina. Claro que o SPN tem sido isso — mas também tem sido mais do que isso. Porquê? Antes de mais nada porque o Dr. Salazar quis que fosse assim mesmo! Desde a primeira hora me marcou essa directriz. A propaganda política, propriamente dita, pertence à União Nacional. Mas a propaganda de Portugal, nas suas grandes linhas, a propaganda do resurgimento nacional, essa pertence ao SPN. Trata-se [...] duma propaganda externa da política, uma propaganda que, por natureza, se deve manter acima e fora das intrigas de bairro [Brettes 1943].

Em conclusão, o Estado Novo, ao invés dos seus homólogos totalitários, manteve alguma tolerância perante certos periódicos, conforme Salazar recordou a Ferro em 1938: «Não se esqueça que o Governo português autoriza, apesar de tudo, a publicação de jornais e revistas que nos são ideologicamente adversos e não julgo necessário dizer os seus nomes» (Ferro 1941, 226).<sup>47</sup> Contudo, no que diz respeito à viabilidade e à eficácia dos projectos editoriais do regime, a capacidade de resposta foi frequentemente frágil e instável e a descrença perante a acção de António Ferro nunca deixou de prosseguir com consequências no plano mediático.

## Fontes

### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo Oliveira Salazar, documento dos serviços internos do Secretariado da Propaganda Nacional, Abril de 1934, PC-12a, caixa 658, capilha 2.

<sup>47</sup> «O regime [...] não proibiu ou dissolveu sistematicamente as publicações afectas à oposição. Estas sobreviveram ao longo dos anos 30, isoladas e reduzidas a um público intelectual. Puderam até debater o significado social da arte ou o pacto germano-soviético, desde que se mantivessem nos estritos limites dos cafés de Lisboa e não chegassem à classe operária, já que no bastião provinciano e rural Salazar estava descansado e confiava nos modelos de enquadramento tradicionais» (Pinto 1992, 129).

- Arquivo Oliveira Salazar, documento do Secretariado da Propaganda Nacional, relação das despesas efectuadas, Maio de 1934, PC-12D, caixa 661, capilha 2.
- Arquivo Oliveira Salazar, carta ao ministro do Interior, Presidência do Conselho, Fevereiro de 1936, PC-12a, caixa 658, capilha 7.
- Arquivo Oliveira Salazar, documento do Secretariado da Propaganda Nacional, relação das despesas efectuadas, assinado por António Ferro, Setembro de 1936, PC-12D, caixa 661, capilha 6.
- Arquivo Oliveira Salazar, «Política do espírito. Alterações ao projecto de orçamento do SPN para o ano de 1941», s. d., s. a., PC-8E1, caixa 562, capilha 73.
- Arquivo Oliveira Salazar, relatório assinado por Tavares de Almeida para Salazar, Dezembro de 1941, PC-12E, caixa 662, capilha 7, pasta 7.
- Arquivo Oliveira Salazar, memorandum do Ministério da Guerra, arquivo Salazar, Novembro de 1947, PC-3J, caixa 611, capilha 10.
- Ministério do Interior, relatório da censura sobre os aspectos da imprensa diária de Lisboa e Porto, Dezembro de 1941, Gabinete do Ministro, maço 526.

## Arquivo da Fundação António Quadros

Correspondência de João de Castro Osório para António Ferro, s. d.

## Arquivo particular de José Guilherme Victorino

- Correspondência de Thomaz Ribeiro Colaço para Virgínia Victorino, carta de 26 de Fevereiro de 1941.
- Correspondência de Thomaz Ribeiro Colaço para Martinho Nobre de Melo, cartas de 21 e 28 de Setembro e 5 de Outubro de 1941.

## Bibliografia

- Acciaiuoli, Margarida. 2013. *António Ferro: a Vertigem da Palavra*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Adinolfi, Goffredo. 2007. *Ai confini del fascismo: propaganda e consenso nel Portogallo salazarista (1932-1944)*. Milão: Franco Angeli.
- Anónimo. 1933. «Uma entrevista oportuna: o director do Secretariado da Propaganda Nacional expõe-nos o seu plano de acção para dar cumprimento ao recente decreto que criou aquele organismo». *Diário de Lisboa*, 11 de Outubro.
- Anónimo. 1934. «O Secretariado da Propaganda Nacional, breves notas objectivas». *Fradique*, 28 de Junho.
- Anónimo. 1935a. «O ano XII do fascismo». *Bandarra*, 4 de Maio.

- Anónimo. 1935b. «Campanha vil». *Bandarra*, 29 de Junho.
- Anónimo. 1935c. «Comando». *Bandarra*, 16 de Março.
- Anónimo. 1935d. «Elogio dos cartazes». *Bandarra*, 7 de Março.
- Anónimo. 1935e. «Portugueses! Sabei que o Sr. Artur Maciel não é o autor do 'Quico da Leonilde'!!!». *Fradique*, 2 de Maio.
- Anónimo. 1935f. «Profecias». *Bandarra*, 30 de Novembro.
- Anónimo. 1935g. «Thomaz Ribeiro Colaço declara guerra aberta aos falsos ídolos». *Diário de Lisboa*, 1 de Fevereiro.
- Barros, Júlia Leitão de. 2002. «O jornal clandestino *Alerta!*». In *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século: Actas do I Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, orgs. José A. Bragança de Miranda e Joel Frederico da Silveira. Lisboa: Vega, 879-884.
- Barros, Leitão de. 195?. *Corvos*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Brettes, J. Moreira. 1943. «Dez anos de política do espírito». *Acção*, 5 de Maio.
- Carrapa, A. 1936. «O escritor António Ferro afirma-nos que todos os intelectuais e artistas têm a obrigação de protestar contra os crimes do comunismo». *Acção*, 3 de Outubro.
- Colaço, Thomaz Ribeiro. 1947. *A Calçada da Glória*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.
- Correia, João da Silva. 1935. «A propósito do nome Bandarra». *Bandarra*, 4 de Maio.
- Costa, Augusto da. 1935a. «A posição nacional no conflito ítalo-etiope: esclareçamos, não especulemos!». *Bandarra*, 12 de Outubro.
- Costa, F. 1935b. «A doutrina racista segundo Hans Günther». *Bandarra*, 23 de Novembro.
- Diário do Governo*, n.º 218/1933, 1.ª série, Decreto-Lei n.º 23 054, de 25 de Setembro de 1933 (cria o Secretariado da Propaganda Nacional, sob a alçada da Presidência do Conselho).
- Diário do Governo*, n.º 28/1940, 1.ª série, Decreto-Lei n.º 30 289, de 3 de Fevereiro de 1942 (determina que os Serviços de Turismo, adstritos ao Ministério do Interior, passam a funcionar no âmbito do SPN).
- Diário do Governo*, n.º 37, 1.ª série, Decreto-Lei 33 545, de 23 de Fevereiro de 1944 (constituição do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo).
- Faria, Dutra. 1937. «Carta aberta a António Ferro a propósito do Prémio Antero de Quental». *Acção*, 27 de Fevereiro.
- Ferro, António. 1932. «Política do espírito». *Diário de Notícias*, 21 de Novembro.
- Ferro, António. 1941. *Homens e Multidões*. Lisboa: Bertrand.
- Ferro, António. 1943. *Dez Anos de Política do Espírito, 1933-1943*. Lisboa: Edições SPN.
- Ferro, António. 1949. *Turismo: Fonte de Riqueza e de Poesia*. Lisboa: Edições SNI.
- Ferro, António. 1978. *Salazar: o Homem e a Sua Obra*. Lisboa: Edições do Templo.
- França, José-Augusto. 1995. «Bandarra e outros, 1934-1936». *Revista de História das Ideias*, n.º 17: 7-18.
- França, José-Augusto. 2003. «Introdução à leitura d'*A Folha de Parra*». In *A Folha de Parra*, Tomás Ribeiro Colaço. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 7-17.

## Projectos Editoriais e Propaganda

- Gomes, Joaquim Cardoso. 2006. *Os Militares e a Censura: a Censura à Imprensa na Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1945)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Inês, Artur. 1933. *Oiça António Ferro!* Lisboa: Imprensa Beleza.
- Lupi, Luís C. 1971. *Memórias: Diário de Um Inconformista (1901 a 1938)*. Lisboa: ed. do autor.
- Maciel, Artur. 1957. «Salazar nos primeiros tempos da vida e da acção do SNI». *Diário da Manhã*, 5 de Julho.
- Pessoa, Fernando, e José Barreto, eds. 2015. *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Pinto, António Costa. 1992. *O Salazarismo e o Fascismo Europeu: Problemas de Interpretação em Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Salazar, António de Oliveira. 1943. *Discursos, I*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Secretariado Nacional da Informação. 1958. *Um Instrumento de Governo: 25 Anos de Acção, 1933-1958*. Lisboa: SNI.
- Serra, Filomena, e Eduardo Cintra Torres. 2017. «A construção da imagem do 'chefe' no *Notícias Ilustrado*». In *Salazar, o Estado Novo e os Media*, orgs. José Luís Garcia, Tânia Alves e Yves Léonard. Lisboa: Edições 70, 201-234.
- Victorino, José Guilherme. 2007. «Um instrumento de consenso: *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo* (1941-1950)». Tese de doutoramento, Madrid, Universidad Complutense de Madrid.
- Victorino, José Guilherme. 2013. «Propaganda e controlo mediático no primeiro salazarismo: a complementaridade de actuação entre o SPN e o aparelho censório». *Media & Jornalismo*, vol. 12, n.º 23: 135-148.
- Victorino, José Guilherme. 2018a. «O teatro como manifesto político no advento do salazarismo: o caso da peça *O Estandarte*, em 1932». *Estudos do Século XX*, n.º 17: 153-168.
- Victorino, José Guilherme. 2018b. *Propaganda e Turismo no Estado Novo: António Ferro e a Revista «Panorama» (1941-1949)*. Lisboa: Alêtheia Editores.